

Linguagem e Comunicação: revisão dos conceitos centrais da etnografia da fala

Éverton Luís Pereira

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil
E-mail: everton.epereira@gmail.com

KIESLING, Scott. PAULSTON, Christina. *Intercultural Discourse and Communication. The Essential Readings*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.

O livro aqui resenhado, como o próprio nome já anuncia, trata-se de uma coletânea de textos fundamentais sobre comunicação e discurso intercultural, focalizando aspectos constitutivos da relação entre linguagem-cultura-poder. O livro é um *Reader*, modelo norte-americano que se constitui como uma série de leituras básicas. No caso das pesquisas contemporâneas da etnografia da fala, os textos incluídos neste *Reader* podem ser pensados como clássicos.

Os autores dos textos presentes na coletânea são pesquisadores de várias áreas do conhecimento, tendo entre eles representantes da linguística, da antropologia (grande maioria dos autores), da comunicação, além de pesquisadores vinculados aos *Studies* americanos, principalmente os Estudos da Linguagem, Educação e Literatura. Essa variedade de campos do saber possibilita inúmeros olhares, porém tendo todos eles uma base em comum, que dá o tom do livro: a linguagem deve ser pensada tendo como base o seu uso e suas expressões, ou seja, em aplicação prática e relacional. Além disso, a linguagem carrega consigo expressões que transcendem o significado, já que denota questões mais amplas das relações sociais e dos contextos produtores de tais relações, como, por exemplo, os gestos, entonações ou estratégias linguísticas utilizadas em diferentes situações pelo mesmo falante.

Sem dúvida, a linguagem e a comunicação são objeto de estudo de inúmeros cientistas, que consideram seu aspecto construído pela e construído da vida social. Além das ciências sociais, outros campos do conhecimento se dedicam às reflexões sobre a linguagem, da filosofia à psicologia, da linguística à literatura, estas discussões

têm como base a reflexão de várias disciplinas, com suas especificidades, por vezes distantes, por vezes produzindo um verdadeiro conhecimento interdisciplinar.

John Lucy (1993) apresenta a importância do estudo da linguagem para as ciências sociais e humanas, considerando-a como reflexiva, prática, em uso, codificada, etc., fazendo uma busca teórica por várias disciplinas sobre o tratamento dessa temática. Demonstra os limites metodológicos de compreensão das relações comunicativas para as ciências humanas, já que o próprio pesquisador possui “verdades” construídas para ir ao encontro das outras formas comunicativas.

Sem dúvida, Franz Boas (1974) foi um dos responsáveis pela inserção das discussões de linguagem na antropologia, trazendo a necessidade de pensar o contexto da aplicação desta, relativizando assim as hierarquias “culturais” até então em voga em alguns campos da antropologia. Ou seja, Boas (1974) produz a necessidade de a antropologia, a partir de sua definição de cultura, voltar os olhos para a linguagem enquanto constitutiva das perspectivas nativas sobre o mundo.

Ainda neste percurso da inserção das discussões no campo da antropologia, podemos citar Bronislaw Malinowski (1978), que afirma que é necessário, para entender a realidade social (que é constituída a partir do que é vivido), compreender a linguagem da qual o nativo está fazendo uso. Salienta Malinowski (1978) que é importante não apenas reconhecer o significado da palavra, mas entender o contexto etnográfico no qual determinada expressão está inserida, ou seja, o autor parte da perspectiva de que a linguagem é significativa na ação, tendo seu uso um papel importante na compreensão da realidade etnográfica.

Poderíamos dizer que estes dois autores (Boas e Malinowski) dão as bases reflexivas para a série de artigos do livro *Intercultural Discourse and Communication: the essential readings*, organizado por Scott F. Kiesling e Christina Bratt Paulston. São as discussões que aspiram levar a linguagem para o âmbito da prática interativa e de sua construção sociocultural, e não apenas como um dispositivo extracultural, localizado nas estruturas cognitivas humanas (e realizador de fontes organizativas da esfera individual e coletiva), como aponta Saussure, ou enquanto modelos de explicação distribuídos entre duas estruturas,

de um lado fixas (que merecem atenção), de um lado mutáveis (que não exigem atenção dos estudiosos), como propõe Noam Chomsky. Diríamos que as discussões já partem de um duplo jogo localizado nos estudos das ciências humanas: como uma crítica aos estudos linguísticos de Saussure e Chomsky, e como uma crítica aos estudos descontextualizados da antropologia.

O livro é dividido em quatro partes. A primeira parte traz textos de meados da década de 1960 e 1970, mas também textos mais recentes. Esta primeira parte lança as bases conceituais nas quais os outros estudos irão se inserir e dialogar. Essas bases são relacionadas à etnografia da fala, que “olha o discurso como *locus* da (re)criação e transmissão do padrão de conhecimento cultural e da ação social” (p. 17, tradução nossa). O conceito de fala dos autores que fazem parte dessa corrente dos estudos de linguagem diz respeito não somente ao verbal, mas a toda forma de comunicação, ou seja, o que interessa é a interação comunicativa.

Os conceitos propostos por Dell Hymes (um dos autores do livro e importante teórico da etnografia da fala) são apresentados neste primeiro momento para dar um panorama do campo no qual o livro está inserido. Pretendo, aqui, trabalhar com os principais: **comunidade de fala**, que é definida como a comunidade que partilha as regras de conduta e interpretação da fala, bem como as regras e a interpretação de pelo menos uma variedade linguística; **evento de fala**, que se restringe à atividade ou os aspectos da atividade que estão diretamente governados pelas regras ou normas para o uso da fala; e **atos de fala**, que se configuram como o termo mínimo das definições e da conversação. Dessa maneira, o nível dos atos de fala está situado entre o nível usual da gramática e o restante do evento de fala ou situação em que estão implicadas as formas linguísticas e as normas sociais. Os atos de fala dependem de fórmulas convencionais e de outros usos da linguagem como entonação, oposição nas trocas convencionais, relações sociais.

Pode-se dizer que esses conceitos foram definidos e guiaram a primeira geração de estudiosos da etnografia da fala e deram as bases tanto para os textos da coletânea como para posteriores reflexões sobre a linguagem. O que fica explícito nesses conceitos é que, para pensar a linguagem e seu uso, se faz necessário observar o contexto

de aplicação dessa em seu uso cotidiano, com suas particularidades. Há também que se levar em consideração os atores envolvidos, bem como o sistema de valores e regras mais amplas que guiam as relações sociais. Como parênteses, é importante salientar que a definição de contexto e as várias interfaces deste foram posteriormente discutidas por inúmeros autores preocupados com a linguagem, bem como por alguns estudiosos da teoria da performance e da práxis. Entre estes, cabe salientar o livro organizado por Duranti e Goodwin (1992), onde os autores realizam uma tomada histórica dos usos do “paradigma” da contextualização das análises da linguagem, bem como apontam alguns déficits nas definições dadas por Hymes na primeira onda da etnografia da fala. Bauman e Briggs (1990) apresentam os conceitos de contextualização, entextualização e descontextualização para dar cabo ao processo de transposição de realidades dentro do percurso da interação, levando em consideração o caráter social e historicamente construído desses movimentos. Porém, o livro aqui resenhado não se debruça sobre essas discussões mais contemporâneas, dando apenas uma base das reflexões clássicas sobre a linguagem.

A questão do contexto também fica explícita na denotação quando se fala de uma interação intercultural (ou interétnica), das pistas de contextualização propostas por John Gumperz, que diz respeito aos traços perceptíveis no nível do discurso que indicam pressuposições contextuais que auxiliam os falantes no processo interativo, tanto de interpretação das orações e expressões como de formas e possibilidades de atuação naquele espaço interativo. Sem dúvida, as reflexões postas acima levam também como base as reflexões do interacionismo simbólico, especialmente aquelas propostas por Erving Goffman (2006) em relação aos sinais que guiam a constituição das identidades sociais de determinados participantes na interação face-a-face. No Brasil, uma coletânea com uma série de traduções de artigos sobre essas temáticas foi publicada no ano de 1998, com o objetivo de constituir um campo de interação entre a linguística, a sociologia e a antropologia na análise da linguagem e da interação face-a-face (Ribeiro; Garcez, 1998)

A discussão em torno da constituição das identidades sociais é outro tema importante nas reflexões da presente coletânea, pois ela

é uma miscelânea de performances culturais verbalmente aplicáveis, que ligam as expectativas com relação a determinados atos às formas perceptíveis e socialmente constituídas de reconhecimento das ações e do “eu”. Isso diz respeito àquelas formas que constituem os sujeitos como socialmente reconhecidos como determinado “tipo social” e, ao mesmo tempo, exigem desses sujeitos determinadas performances que vinculam alguma ação ou ato com determinado sujeito social.

É interessante que, neste ponto, é possível relacionar as discussões mais “clássicas” da etnografia da fala com aquelas produzidas recentemente. Essa relação se dá, principalmente, com relação às performances linguísticas e culturais pois, como afirmam Bauman e Briggs (1990), a premissa metodológica e conceitual básica da etnografia da performance é que a estrutura e dinâmica do evento de performance servem para orientar os participantes – incluindo o ator [*performer*].

Na segunda e terceira partes do livro, que versam sobre estudos de casos de comunicação e contato intercultural (pensando a questão das identidades), os autores se detêm nas aplicações etnográficas dos conceitos expostos acima. Dessa forma, demonstram como, ao mesmo tempo em que a linguagem e as expressões linguísticas apontam, para o pesquisador, algumas pistas dos valores que guiam determinada ação, elas também constituem os falantes enquanto seres sociais, localizando-os em determinadas posições de sujeito.

É nessa discussão que entram em cena as ideologias linguísticas e as formas de dominação e redes de forças que orientam práticas interativas. A população negra norte-americana, os americanos dominicanos (de diferentes gerações), algumas populações indígenas ou até mesmo as diferentes formas de fala entre homens e mulheres apontam para a constituição de identidades sociais e a toda a gama de valores que essas carregam consigo quando em interação. Não apenas a interação momentânea está em voga, mas também constitui uma série de verdades com relação à linguagem e aos sujeitos falantes, orientando valores hegemônicos ou subordinados.

Da mesma forma que os estudos de casos de comunicação e contato intercultural apontam essas dificuldades de comunicação (e as falhas que ocorrem quando dois sujeitos constituídos enquanto seres

sociais vivenciam um ato de fala), apontam também para os limites de se pensar o caráter universalizante da linguagem ou a cultura enquanto algo estático, redefinindo estas e propondo a relatividade das definições linguísticas e culturais. A fala serve, dessa forma, como instrumento comunicativo, e serve como constituidor de verdades com relação a posições de sujeitos dentro da hierarquia social. Ela reproduz e constitui posições sociais, mas também pode subvertê-las.

A quarta parte do livro propõe algumas alternativas para estas falhas comunicativas, fazendo uso das teorias e dos conceitos. A necessidade, como apontado acima, de relativizar e contextualizar o uso da linguagem dentro de uma estrutura social é uma das alternativas. Ao mesmo tempo, visualizar as estratégias “subversivas” do uso da linguagem em determinados contextos produzidos pelos mesmos sujeitos sociais constitui formas de visualizar também as outras questões que estão em jogo na interação comunicativa.

Sem dúvida, o livro fornece subsídios interessantes para pensar a linguagem e a comunicação na esfera da práxis, lançando bases conceituais e etnográficas importantes para esta reflexão. Inúmeras leituras posteriores estão sendo feitas, por vezes utilizando os conceitos propostos, por vezes inserindo outros elementos na discussão. Porém, essas discussões do livro inserem a necessidade de pensar a linguagem além de seu caráter formal, inserindo problemáticas contextuais e “criativas”. Dessa forma, o mesmo possibilita ao pesquisador refletir tanto sobre as formas interativas em jogo como sobre as formas variantes na comunicação.

Referências bibliográficas

- BAUMAN, Richard; BRIGGS, Charles L. Poetics and Performance as Critical Perspectives on Language and Social Life. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, CA, v. 19, p. 59-88, 1990.
- BOAS, Franz. Introduction to the handbook of American Indian languages. In: BLOUNT, Ben G. *Language, culture and society: A book of readings*. Cambridge, MA: Winthrop, 1974. p. 12-31.
- DURANTI, Alessandro; GOODWIN, Charles. *Rethinking context: Language as an interactive phenomenon*. Cambridge: Cambridge University Press: 1992.
- GOFFMAN, Erwing. *Representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2006.

Resenhas

- LUCY, John. Reflexive language and the human disciplines. In: _____. (Ed.). *Reflexive Language: Report speech and metapragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 9-32.
- MALINOWSKI, Bronislaw. An ethnographic theory of language and some practical corollaries. In: _____. *Coral gardens and their magic*. Vol. II. New York: Dover Publications, Inc., 1978. p. 3-74.
- RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro (Org.). *Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998.

Recebido em: 10/6/2009

Revisão em: 11/7/2009

Aceite em: 16/9/2009